



Grávida de seis meses, Sónia Tavares espera levar por diante os dois meses da digressão de "Primavera", o novo álbum dos The Gift, antes de dar à luz o seu primeiro filho, fruto da relação com Fernando Ribeiro, vocalista dos Moonspell

A presença forte e a voz pujante — que faz parte da sonoridade particular dos The Gift — contrastam com a atitude de quem gosta de passar algo despercebida e não falar demasiado sobre si. A conversa com Sónia Tavares, de 34 anos, ocorre a propósito do novo disco dos The Gift, que a banda apresentou ontem, ao vivo, em Alcobça. Hoje dão novo concerto, esgotado, na sua cidade natal, antes de rumarem para Madrid, Barcelona, Porto... É o arranque de uma digressão ibérica que deverá ir até ao fim de fevereiro.

**Este disco é mais calmo, mais ambiental, do que os anteriores?**

É um disco mais intimista, mais suave, mais calmo, um bocadinho mais melancólico. Vem contrastar com as guitarras e a explosão de cor de "Explode" [o disco anterior]. Este é mais de dentro para dentro. É uma implosão.

**Essa mudança de sonoridade coincide com uma mudança nas vossas vidas e na sua em particular?**

Coincide. Há quem tenha já perguntado ao Nuno porquê, depois de tanta alegria, de tanta festividade. Acho que a resposta é um bocadinho óbvia. O desafio maior para um artista é fazer sempre coisas diferentes e dizer sobretudo o que lhe vai na alma. Depois de um "Explode", de digressões extensas, de tantas idas lá para fora, havia uma vontade de regressar aos auditórios, de uma maior proximidade com os fãs, e isso também se reflete nas canções.

**Como encara a maternidade, prestes a concretizar-se, com todo esse turbilhão de atividades, de digressões?**

Com alguma preocupação, no sentido em que há mil coisas ainda para fazer, uma digressão de dois meses, e eu já tenho 350 quilos [risos]. Mas os concertos foram-se marcando, porque havia interesse por parte dos auditórios. Foi um acordo que fizemos entre nós. Enquanto eu puder, vou cantar, com todo

## "TIVEMOS A SORTE DE CRIAR ELOS ENTRE NÓS. NOTA-SE, NÃO É?!"

o gosto. Quando me sentir mal, retiro-me. O filho nasce e, quando eu voltar a sentir-me bem, voltamos ao ativo. É tão simples quanto isso. É como se fosse uma licença de maternidade. **Os The Gift acabaram por a desviar do curso de Antropologia. Agora parece ter sido novamente a música, com o projeto "Amália Hoje", que a aproximou de Fernando Ribeiro e lhe trouxe outra mudança, outra viragem. Uma relação, um primeiro filho...**

O projeto "Amália Hoje" veio realmente mudar muita coisa, a nível pessoal e profissional. Abriu-nos caminhos em termos profissionais e de público, dando-nos maior visibilidade. Muitos dos novos fãs dos The Gift surgiram devido ao projeto "Amália Hoje", tal como muitos fãs do Paulo Praça ou muitos fãs dos Moonspell. Houve uma mistura de públicos que funcionou bem. Andámos em digressão bastante tempo e foi muito engraçado. É como os primos longínquos que finalmente vêm ter connosco. Só sentindo-nos como uma família é possível levar um projeto destes para a frente. Tivemos a sorte de criar elos entre nós. Nota-se, não é?! [exclama, sorrindo e olhando para a barriga]...

**Como futura mãe, acha que há futuro para o seu filho neste país?**

Se fossemos pensar assim, teria de esperar mais duas décadas — e aí já não ia a tempo. Se pensássemos assim, ninguém fazia planos. Temos de viver um dia de cada vez. Apesar de tudo, continuo com esperança de que as coisas vão de melhorar. Enquanto houver

duas mãozinhas e duas perninhas e vontade de trabalhar...

**O que terá levado Portugal a chegar a este ponto?**

A esse nível, sou a pessoa mais abstrata. Em vez de ver o telejornal, sou capaz de mudar para os desenhos animados. Se ficássemos a pensar nas amarguras, não andávamos para a frente.

**O povo português é muito diferente dos outros?**

Somos muito mais pessimistas em relação a tudo. Temos tendência para atacar sempre aquilo que é grande, que tem importância, em qualquer área, seja na música, seja no futebol. Talvez por complexo de inferioridade. Mas somos um povo muito efusivo, que chora muito e ri muito. Não somos cinzentos, somos de extremos — e ainda bem.

**Ainda faz sentido pensar que é mais difícil vingar fora de Lisboa?**

A centralização já saiu de moda há pelo menos uma década. Há bandas a aparecer todos os dias da Guarda ao Algarve. O mito de que as coisas só acontecem em Lisboa ou no Porto já passou. E o facto de estarmos com concertos marcados para 20 auditórios por todo o país é a prova disso.

**Como é a vossa dinâmica? Diz-se que as bandas são uma espécie de família. Os The Gift já existem há 17 anos...**

Acabamos realmente por funcionar com uma família, por vezes mais disfuncional, outras vezes mais unida. Temos todos o nosso papel bem definido. Eu e o Nuno fazemos mais parte do processo criativo, o Miguel e o John (sobretudo o John) tratam também daquelas coisas chatas: contratos, logística, preços, etc. © ALEXANDRE COSTA

**MULHER DE ÂNIMO**  
"SE FICÁSSEMOS A PENSAR NAS AMARGURAS, NÃO ANDÁVAMOS PARA A FRENTE". DIZ SÓNIA TAVARES